



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ CENTRO
DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS NÍVEL:
MESTRADO PROFISSIONAL

**CONTOS DE MARIA LÚCIA MEDEIROS EM FORMA DE CARTILHA
DIGITAL ILUSTRADA COMO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE
LEITORES**

ISAIAS LIMA SILVA

BELEM

2021

ISAIAS LIMA SILVA

**CONTOS DE MARIA LÚCIA MEDEIROS EM FORMA DE CARTILHA
DIGITAL ILUSTRADA COMO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE
LEITORES**

Trabalho de Final de Curso apresentado como requisito para obtenção de grau de Mestre, via Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua Portuguesa e Suas Respectivas Literaturas – Mestrado Profissional, ofertado pela Universidade do Estado do Pará.

Área de concentração: Práticas Pedagógicas: interfaces entre o ensino de Língua Portuguesa e suas literaturas.

Orientador. Prof. Dr. Gabriel Lage da Silva Neto.

Co-Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio da Costa Camelo.

BELÉM

2021

RESUMO

SILVA, Isaias Lima. **Contos de Maria Lúcia Medeiros em forma de cartilha digital ilustrada como processo de formação de leitores. Páginas 20.** Trabalho de Conclusão de Curso do Programa de Pós Graduação em Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas – Mestrado Profissional. Universidade do Estado do Pará, Belém, 2021.

Resumo:

Este trabalho faz uma abordagem do uso dos contos Horizonte Silencioso e Marcel, de Maria Lúcia Medeiros em forma cartilha digital como processo de formação de leitores. Tem como objetivo analisar a importância do uso desta cartilha digital ilustrada como auxílio na formação de leitores em uma turma do 6º ano, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Carlito Maia, que fica localizada no Acampamento Dalcídio Jurandir em Eldorado dos Carajás, Pará. A cartilha digital foi feita a partir da ilustração dos contos Horizonte Silencioso e Marcel e é o produto gerado da pesquisa, denominada “Contos de Lucinha”, que foi aplicada na referida turma, da escola mencionada durante o período de um mês. Logo após a aplicação, os alunos envolvidos responderam os questionários que serviram de base para a constatação dos dados inseridos neste trabalho.

Palavras-chave: leitura. cartilha digital. formação de leitores.

Abstract: This work deals with the use of the short stories Horizonte Silencioso and Marcel, by Maria Lúcia Medeiros in a digital booklet format as a reader training process. The same aims to analyze the importance of using this illustrated digital booklet as an aid in the training of readers in a 6th grade class at the Carlito Maia Municipal Elementary School, which is located in the Dalcídio Jurandir Camp in Eldorado dos Carajás, Pará. The digital booklet was made from the illustration of the stories Horizonte Silencioso and Marcel, it is the product generated from the research, called “Contos de Lucinha”, which was applied in the aforementioned class, from the mentioned school during a period of one month. that right after this application, the students involved answered the questionnaires that served as a basis for verifying the data entered in this work.

KEYWORDS: reading. digital booklet. training of reader

1. INTRODUÇÃO

A leitura contribui para que o indivíduo tenha uma formação significativa, sendo capaz de analisar e influenciar no desenvolvimento da sociedade, ampliando e diversificando a sua visão sobre o mundo, com relação à sua vida.

A leitura tem importância muito significativa na vida do homem, a carência ou a ausência da leitura em uma sociedade letrada é muito representativa no que se refere ao desempenho linguístico do falante. A leitura é "o ato de ler, não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo" (FREIRE, 1984:11).¹ Pode-se dizer que o conceito de leitura é muito amplo, de modo que a experiência prévia, a visão de mundo e o conhecimento anterior são cruciais para a construção dos significados do que foi lido. Nota-se que o ato de ler consiste num ato da consciência que não se exime em compreender o "ser" e o "estar" no mundo. Logo, o ato de ler firma-se em bases psicológicas, históricas e filosóficas.

O presente trabalho tem como objetivo demonstrar a análise do estudo com uma cartilha digital ilustrada como apoio no trabalho com a leitura de textos literários, baseada na ilustração dos contos Horizonte Silencioso e Marcel, de Maria Lúcia Medeiros, como auxílio no processo de formação de leitores em uma turma do 6º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Carlito Maia, localizada no acampamento Dalcídio Jurandir, no município de Eldorado dos Carajás, Pará.

Este estudo foi feito a partir da utilização da cartilha digital ilustrada, "Contos de Lucinha", como atividade complementar nas aulas de língua portuguesa, tendo a participação de 13 dos 21 alunos matriculados na turma. Os alunos utilizaram a cartilha durante um mês e, após esse estudo, responderam ao questionário que foi proposto pelo professor pesquisador para que pudesse ser feita a análise desses dados e posteriormente serem anexados a este trabalho. Durante a aplicação da cartilha digital na turma, notou-se que houve aceitação e dedicação, por parte dos alunos, em conhecer mais sobre a autora e sobre os contos escritos por ela.

1.1 "LUCINHA PARA OS ÍNTIMOS"

¹ Não é arbitrária a consagração de Paulo Freire como Patrono da Educação Brasileira. O educador pernambucano revolucionou a pedagogia do País ao refletir sobre a construção de uma escola democrática e uma nova abordagem na relação entre educador e educando, que colocava como base do aprendizado a troca horizontal de saberes e experiências.

Neste tópico vamos falar sobre a vida e a obra da autora em estudo, a professora, poetisa e contista Maria Lúcia Fernandes Medeiros, ou Lucinha Medeiros,² nasceu na cidade de Bragança do Pará,³ em 15 de fevereiro de 1942, viveu na sua cidade natal até os 12 anos de idade. Em 1950, foi morar em Belém, como podemos observar no trecho que foi retirado do relato da escritora:

Eu nasci em Bragança, uma cidade simples do interior, com um trem de ferro e um rio na frente. Tive, portanto, uma infância bem brasileira: quintal, primos, frutas, tios, igreja, cinema Olympia. Em Belém já cheguei quase adolescente e meus fantasmas viviam sob as mangueiras, nas ruas largas, na arquitetura imponente de uma cidade de 250 mil habitantes que era Belém dos anos 50". (MEDEIROS, 2002)

A mudança para a cidade de Belém serviu-lhe como fonte de novas opções e, entre os arroubos adolescentes e a vida “bem comportada” dentro dos muros das escolas religiosas, o cinema tornou-se uma grande paixão:

Adoro escrever (e guardar), amo Cinema e, como adolescente na década de 50, sabia muito mais do que se passava por Beverly Hills através das fofocas de Louella Parsons, do que sobre Círio de Nazaré, Ver-O-Peso, Amazônia, Copacabana (não tínhamos a Belém-Brasília), como assídua leitora de Cinelândia. (MEDEIROS, 2002)

Em Belém, Maria Lúcia Medeiros foi professora da Universidade Federal do Pará. Foi também consultora da Fundação Curro Velho e da Casa da Linguagem. “Corpo Inteiro” foi o primeiro conto publicado, foi incluído na antologia “Ritos de Passagem da Nossa Infância”, organizada por Fanny Abramovich, em 1984. Em seguida, vieram os livros de contos: "Zeus ou A menina e os óculos" (1988), "Velas". Por quem?"(1990), "Quarto de Hora"(1994), "Horizonte Silencioso" (2000), "Antologia de contos" (2003) e "Céu Caótico", em 2005, ano de seu falecimento em 8 de setembro, aos 63 anos, acometida por uma enfermidade degenerativa, que a impediu de andar e falar, mas não de continuar residindo no universo poético.

² Maria Lúcia Fernandes de Medeiros (1942-2005) foi escritora paraense, professora da UFPA. Os livros que compõem o conjunto de sua obra antológica são: Zeus ou A Menina e os Óculos (1988); Velas, por quem?(1990); Quarto de Hora (1994); Horizonte Silencioso (2000); Antologia de contos(2003); Lugar da Ficção(2004) e Céu Caótico (2005).

³ A cidade de Bragança do Pará, foi criada por um decreto imperial em 1854, mas a região foi habitada pelos Europeus muito antes, em 1622 o território de Bragança pertencia à Capitania de Gurupi. A área foi doada por Filipe II de Portugal a Gaspar de Souza, governador-geral do Brasil. Em 1627, foi fundada a povoação de Vera Cruz, em Viseu e apenas em 1634 foi fundado um povoado (Sousa do Caeté) nas margens do Rio Caeté por Álvaro de Souza e transferido para a outra margem devido às dificuldades encontradas com a comunicação do povoado com Belém

A ficção faz parte da escrita de Maria Lúcia Medeiros de forma muito expressiva, como podemos observar na maioria dos seus contos. No conto "O Filho de Daniel", ela faz uma descrição exacerbada da fraqueza do filho de Daniel para que o leitor tenha uma proximidade com a fragilidade do personagem e tenha interesse em descobrir se aquele ser será capaz de suportar todas as adversidades, como podemos observar no trecho a seguir: "Não bastasse a tempestade que se abateu sobre a cidade naquela noite, o filho de Daniel nasceu pequeno e feio, cheio de dificuldades. Dificuldades para nascer, pra chorar, para respirar, dificuldades para se alimentar".

Já no conto "Miss Doris",⁴ o jardim é descrito de forma muito concisa e ficcional. A ficção que Maria Lúcia Medeiros apresenta nos seus trabalhos é uma forma de prender o leitor no que ela descreve, ou seja, é uma ficção intencional, que está presente na maioria de seus contos.

Neste tópico não se pretende apenas fazer comentários sobre seus contos, mas sim, demonstrar que o perfil literário da escritora Maria Lúcia Medeiros propõe percorrer caminhos sinuosos, buscando a palavra, a linguagem perfeita, o universo feminino, de um ser errante. A ficção de Maria Lúcia Medeiros percorre os labirintos de seus textos, em que os leitores são companheiros de viagens de uma voz narrativa em constante devir, literatura de acentuada conotação autobiográfica, com escrita da memória e de relatos que compõem um segmento da literatura comumente denominada de intimista, ou escritas do eu, passíveis de mesclar realidade e ficção. Ainda que as fronteiras entre essas categorias sejam, por vezes, fluidas, procuraremos problematizar a construção dessa escrita singular em que traços "verdadeiros" ou biográficos mesclam-se com ficção.

Revelado por Maria Lúcia em entrevista para a revista Troppo,⁵ questionada se suas personagens seriam puramente ficcionais ou inspiradas em pessoas. "As duas coisas. Não saberia precisar quando termina uma e acaba outra. É um pouco como no sonho, mesmo. Você sonha com a casa do fulano mas não é a casa do fulano. Acho que a realidade e a ficção deslizam no fio da navalha". Já em entrevista

⁴ O conto "Miss Doris", faz parte da coletânea Horizonte Silencioso. A narrativa traz a história de um jovem jardineiro, de mais ou menos trinta anos que, ao aceitar o emprego para cuidar do jardim de uma grande e aparentemente bonita casa – a qual tinha por donos uma família que passava grande parte do tempo fora da cidade – Passa a tratar as plantas daquela residência como se elas representassem toda sua vida...).

⁵ Em entrevista ao jornal O Liberal em 24/03/1998 revista Troppo.

para o jornal O Liberal,⁶ Maria Lúcia descreve seu fazer literário marcado pelo caminho da “errância”, que, segundo ela, não se trata da geografia física, do deslocar-se de um ponto a outro. Trata-se da viagem que cada um – e nem precisa ser escritor – empreende dentro de si mesmo. Maria Lúcia Medeiros exercita essa viagem em sua obra, falando de uma Amazônia que está nos mapas da sua percepção. “Meu texto não é a tradução direta do lugar. As pessoas da minha terra vivem me cobrando uma história acontecida em Bragança, mas eu não busco isso. A língua é a pátria da gente”.

Entre fato e ficção, nota-se estreita relação entre a criação literária e a vida de Maria Lúcia Medeiros, os registros de vida e os textos de ficção entrelaçam-se. Em sua obra, encontramos pontos que velam e revelam o real pautado em um mundo imaginário feito de água, cidades lendárias e misticismo. Através de seu ato ficcional, a autora convida o leitor a experimentar a transcendência física e psíquica vivida por suas personagens, por meio de um exercício de linguagem que questiona a própria capacidade de expressão do texto diante de ideias, sentimentos e sensações inclassificáveis por meio de palavras.

Na obra de Medeiros, adentra-se em um mundo ficcional em que o imaginário é experimentado como forma de recriar a realidade, por vezes confundindo o leitor, sobre onde termina a realidade e onde começa a ficção. Tendo em vista esse enfoque, partimos de uma investigação teórica sobre a problemática do gênero autobiográfico, com ênfase na memória. A escritura, enquanto produto da ação da memória entre realidade e ficção.

2. A CONFECÇÃO DA CARTILHA DIGITAL

A cartilha digital ilustrada "Contos de Lucinha" foi criada com o intuito de ser utilizada no processo de formação de leitores em uma turma do 6º ano do ensino fundamental. Ela está dividida em três partes fundamentais. Na primeira parte, faz uma abordagem sobre a autora Maria Lúcia Medeiros, falando sobre a sua biografia e o que ela representa para a literatura paraense e a nacional. Na segunda parte, apresenta os contos Horizonte Silencioso e Marcel, reescritos de forma ilustrada. Já na terceira parte, apresenta os questionários sobre a leitura dos contos.

⁶ Jornal O Liberal em 12/07/1993.

A primeira parte da cartilha apresenta a biografia da Maria Lúcia Medeiros e o que ela representa para a literatura paraense e nacional, para que o público do trabalho conheça a autora e um pouco sobre a literatura paraense, pela fato de não ser muito frequente a inserção de autores paraenses no trabalho com a leitura literária no ensino fundamental, por haver prevalência dos cânones.

Achamos necessário fazer dois tópicos de questões que fizessem análise da leitura dos dois contos que foram reescritos de forma ilustrada, para servirem de instrumento no trabalho de leitura com os alunos envolvidos na pesquisa. Nesses tópicos, as questões são voltadas para a interpretação dos contos, privilegiando a competência Leitura/Escuta (compartilhada e autônoma) da BNCC, mais especificamente, a competência (EF15LP15), designando que o aluno deve reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo da ficção e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.

Poderiam ter sido escolhidos outros contos da autora Maria Lúcia Medeiros para serem adicionados à cartilha, mas os contos “Horizonte Silencioso” e “Marcel” possuem enredos que são mais fáceis de trabalhar com alunos do 6º ano, por apresentarem como personagens destacados as figuras de dois garotos. Um, é claro, mais entusiasmado com o que está a sua volta (Horizonte Silencioso), enquanto que o outro está tentando entender a diferença dos hábitos de onde ele vivia para onde ele está vivendo (Marcel).

2.1 Estudo dos contos Horizonte Silencioso e Marcel.

Pretende-se, com este estudo, fazer uma leitura mais aprofundada dos dois contos que compõem a cartilha, para que estes sejam melhor compreendidos pelos leitores deste trabalho. Nessa leitura, faremos a demonstração da construção do imaginário das personagens, dos dois garotos presentes no enredo dos contos, baseando-se nos aspectos filosóficos e históricos.

3.2 Estudo do conto “Horizonte Silencioso”

O conto “Horizonte Silencioso” faz uma incursão pelos recantos da memória, com personagens que retomam lembranças antigas, histórias do passado, quadros

que estão e não estão ali, à vista, naufrágios que podem ou não ter acontecido, histórias dentro de histórias, e uma avó amada.

Nota-se que há uma intencionalidade da autora em desenvolver o enredo dos seus contos, o emprego das palavras, o entendimento além do que está escrito, como podemos observar no trecho a seguir:

Foi como uma palavra em que todos os estilhaços tivessem retornado para dentro do corpo e queimassem. Depois de uma revoada tranquila de pássaros, umas nuvens raras, nenhuma notícia de chuva. Por tanto ruído é que continuou como estava, equilibrado na ponta da cadeira, nem tão feliz assim, os pés pousados nos ladrilhos para onde porque as palavras jamais saíam fáceis (MEDEIROS, 2009, p.45)

Percebe-se de forma superficial a primeira referência ao personagem do menino, no conto, mas sem fazer referência nenhuma, ainda, ao mar. O mar funciona como uma simbologia da imensidão, do algo desconhecido, da relação com o imaginário do personagem do garoto, querendo descobrir o que tem no além-mar. Para que possamos ter um entendimento do que vem a ser essa ampliação da significação do enredo do conto quanto às várias formas de compreensão, precisamos entender um pouco sobre o que é a fruição literária, mesmo que seja de forma resumida, a fruição como forma de experiência estética diferenciada, no intuito de compreendê-la em alguns de seus elementos constitutivos e reafirmar sua importância na formação do leitor. Problematizados, para tanto, a leitura de textos literários no contexto escolar da educação básica.

Nossa concepção de fruição literária está relacionada à leitura literária que parte do pressuposto de entrega, de imersão no texto, não para desvelar suas verdades, mas para expandi-lo, alargar suas significações. O leitor, portanto, não é um mero decodificador, está em constante conflito com o texto, conflito que pode ser entendido como um desejo de compreender, de concordar e discordar. Conflito, enfim, no qual quem lê não somente capta o objeto da leitura, mas atribui sentidos, impregnando o texto com sua carga de experiência humana e intelectual.

Na perspectiva em que estamos considerando, a fruição literária apresenta desafios e demanda uma percepção sensível, que ultrapasse utilitarismos e preconceitos, constituindo-se como uma experiência singular, que influencia tanto na construção da dimensão simbólica do indivíduo quanto na atribuição de sentidos que este constrói para e sobre o mundo. Nestes termos, desenvolver a capacidade de

atribuir sentidos é tão indispensável quanto desenvolver as habilidades pragmáticas, na medida em que nos confere diferenciação enquanto humanos, posto que somos seres simbólicos.

Temos na literatura, e nos mais variados modos de sua manifestação, uma forma importante de construção e de apropriação de sentidos. Nesse contexto, a literatura é uma forma cultural diferenciada e única, que pode ser deflagradora de entendimento, indagação, reflexão, construção e desconstrução de sentidos, exigindo atuações específicas por parte do leitor na sua apropriação.

Após termos feito uma análise do que é fruição, chegamos à conclusão de que o conto “Horizonte Silencioso” pode ser compreendido em três partes. A primeira é baseada no conceito estilístico, que o caracteriza como o gênero textual, no caso, o conto. A segunda, quanto à tipologia, que é um texto narrativo. Já a terceira parte, quanto à fruição, que, como podemos entender, apresenta-se como uma experiência estética que, ao mobilizar vários saberes, envolve o sujeito em sua completude. Como processo dinâmico, reeduca o homem, vinculando-o não apenas à arte, mas também a si mesmo.

A despeito de a fruição não se caracterizar como um fenômeno exclusivo da arte, é na perspectiva da literatura enquanto arte e mais precisamente em relação à leitura literária que tratamos de sua importância na formação de leitores.

Portanto, podemos dizer que a leitura literária é algo mais complexo do que imaginávamos, entender o texto literário, não é apenas decodificar o que está escrito, vai muito além. Observamos essa exigência, de conhecer os elementos “fruitivos” quanto à compreensão da leitura do conto Horizonte Silencioso, como podemos observar no trecho:

Ao estancarem os cavalos e desmontarem os cavaleiros quando a nuvem de pó subia para agarrar-se às barbas negras, como seria o olhar dos derrotados ?;/ Relinchos, sons de clarim... e o que ouviram os vencidos ? No meio da batalha ele estava. Nem vencedor nem vencido. (MEDEIROS, 2009, p. 45)

Há uma referência a passagens de outros textos para que se fundamentem as ideias que não estão relacionadas ao enredo do conto “Horizonte Silencioso”, ou seja, da narrativa. Logo, são várias as formas de entendimento que podem ser analisadas no enredo do conto.

3.3 Estudo do conto “Marcel”

O conto “Marcel” conta a história de um garoto de origem brasileira, mas que, provavelmente, foi criado na França, pelo fato de só falar francês, ele estranha o lugar onde está vivendo, a cidade de Belém. Ele também estranha as pessoas que têm traços diferentes dos dele, o típico físico moreno dos belenenses, os shorts (porque faz calor). São os primos dele, mas ele os estranha, chama pela mãe, mas ela não o ouve (isolamento x a família que ri e come feliz a feijoada sem ligar pra ele). Possui a barreira da língua, pois não fala português:

Parece coisa de outro mundo. Da grande mala, aberta sobre a cama, pulavam casacões enormes, veludos e lãs, cachecóis. Ao redor dela, de olhos abertíssimos, meninos de shorts, rostos suados, morenos corpos se curvavam e volteando aquela mala e o dono dela, ali no canto encolhido, as bochechas vermelhas, os braços cruzados, um zíper que fechava o peito, o coração sepultado (MEDEIROS, 1988, p. 89).

Com o tempo, Marcel olha para a mala sobre o armário e sente saudade, mas se entretém com os que jogam futebol:

eles estavam ali, em cima do bolo de chocolate, em velas que tremulavam e iluminavam um rosto mais feliz, bochechas menos vermelhas. teve guaraná, sim. E teve fogueira que o avô armou lá no fundo do quintal (...) Dormiu naquela noite entre o estourar de bombas e o cheiro de pólvora queimada, suor, poeira e cinza, canjica nos dentes, um cheiro brasileiro, sim, entre as cobertas. Dormiu tão profundamente que saiu para a escola quase correndo, atrasado para a prova de português”(MEDEIROS, 1988, p. 91)

Já adaptado, Marcel estuda a língua portuguesa com mais afinco, de modo que, ultrapassada a barreira linguística, ele pode se identificar com o país e sua língua portuguesa:

Debruçado à caça de substantivos concretos e abstratos e verbos que se pediam nas imperfeições dos pretéritos, obrigou-se a ler mais uma vez a canção do exílio, dilacerada pela professora”. E o que se passou ali, naquele instante, nem sei se vou saber contar (...) tinha sabiá, avezinha já conhecida do menino. Tinha palmeira (...) Tinha gorjeiam e tinha também minha terra. (MEDEIROS, 1988, p. 90).

A ideia da identificação do garoto com a terra é reforçada pela ideia “desarme”:

"Desarmou-se. Espingarda (ou lápis ?) deixada devagarinho no chão, adentrou estranho reino onde substantivo pode ser adjetivo, plural podia ser singular, e concreto (nem dava para acreditar!). Podia ser absolutamente, maravilhosamente, abstrato. O mistério tornava-se doce, o dia mais leve, as questões da prova, uma só questão de provar para ele mesmo que o mundo

pode ser grande e pequeno, que o véu pode até cair e virar coisa só simples, de repente(...) Só precisou de dicionário porque precisou saber bem sabido, o pressentido. O que exílio quer dizer" (Zeus p. 92).

Portanto, observamos que as disparidades que o protagonista enfrenta no início do conto vão se amenizando, Marcel vai se adaptando ao meio em que passou a viver e aceitando as diferenças na língua e na cultura. A língua, que talvez fosse a principal barreira para que o menino Marcel se sentisse isolado, passou a ser objeto de desejo dele.

4. APLICAÇÃO DA CARTILHA DIGITAL

A cartilha foi aplicada em uma turma do 6º ano do ensino fundamental na Escola Carlito Maia, que fica localizada no acampamento Dalcídio Jurandir, no município de Eldorado do Carajás. A Escola Municipal de Ensino Fundamental oferta educação infantil, ensino fundamental menor e ensino fundamental maior, sendo que, oferta uma turma de cada segmento de ensino. A turma do 6º ano possui 21 alunos matriculados, porém, devido às dificuldades impostas pela pandemia, apenas 13 alunos realizaram as atividades. A aplicabilidade da cartilha foi feita com esses alunos ativos, no período de 12 de agosto de 2021 a 12 de setembro do mesmo ano, ou seja durante um mês foi o período de aplicação.

Os alunos foram submetidos à leitura da cartilha digital ilustrada "Contos de Lucinha", como atividade complementar de leitura nas aulas de língua portuguesa, que foram ministradas durante um mês, e, após completarem as atividades de leitura, responderam ao questionário de diagnóstico, cujo link foi disponibilizado pelo aplicativo de troca de mensagens WhatsApp, e também responderam à ficha de avaliação que indica três competências: 1. Reconhecimento das características técnicas e origens dos contos; 2. Reconhecimento das etapas dos contos como formação do senso crítico do leitor e 3. Estímulo à criatividade a partir da linguagem não verbal; que serviram de complemento à pesquisa, como vamos ver no decorrer deste tópico. Percebeu-se um entusiasmo muito grande dos alunos pela leitura da cartilha e pelo questionário inserido.

Para que ficasse mais acessível a realização da aplicação da cartilha para os alunos, além de ser disponibilizada de forma digital, foi entregue um exemplar impresso para cada aluno, pois, como todos só poderiam ter acesso à cartilha por

meio do celular, pensamos nessa possibilidade para que a leitura dos contos e a resolução das questões fossem feitas de forma mais compreensível. Notamos que a aceitação, por parte dos alunos, dessa forma, foi mais significativa. Talvez, por isso, eles tiveram um desempenho bastante expressivo em relação à compreensão da leitura dos contos e das questões.

O questionário eletrônico que foi disponibilizado para os os alunos também teve a finalidade de facilitar a coleta dos dados. O questionário foi criado no Google Forms, tendo sido o que mais rápido foi respondido. O acesso à cartilha de forma digital, através de link disponibilizado no grupo que foi criado para a turma, teve muitos acessos, porém, só anexamos os dados que foram feitos pelos 13 alunos cadastrados na pesquisa. Eram frequentes as perguntas dos alunos sobre a origem dos dois contos, quem era a autora, ou autor, de onde eram e quando foram escritos.⁷

5. ANÁLISE DA APLICAÇÃO DO PRODUTO

A análise do produto é resultante de uma pesquisa qualitativa, tendo por método o estudo da leitura literária, na busca de entender o aluno como um ser autônomo, que atribui sentidos, impregnando no texto sua carga de experiência humana e intelectual. Por isso, foi criada uma ficha com a finalidade de avaliar três competências: 1. Reconhecimento das características técnicas e origens dos contos (questões de 1 a 5 e questão 9): “Título, autor, obra, editora, cidade e ano de publicação, diferença entre poesia e prosa”. 2. Reconhecimento das etapas do contos e formação do senso crítico do leitor (questões 6 a 8): “Resumo, transcrição do trecho mais marcante dos contos e justificativa, julgamento sobre a qualidade dos contos”. 3. Estímulo à criatividade a partir da linguagem não verbal: “Recriação através de desenho de uma capa para cada conto com base na leitura”.

Não houve a prevalência da metodologia quantitativa, como método experimental ou hipotético dedutivo, por conta de não haver interesse do investigador em descrever, neste trabalho, dados numéricos e objetivos quanto à leitura dos

⁷ O questionário eletrônico que contém as questões propostas, após a leitura da cartilha digital, pode ser acessado pelo link <https://docs.google.com/forms/d/17Snwv037hE-VvCquidBvULMmFyxC5s-iRkCCwi7b9c/edit?usp=drivesdk>. Já a Cartilha Digital “Contos de Lucinha” pode ser acessada pelo link: <https://www.flipsnack.com/isaiasteacher/cartilha-digital-ilustrada-contos-de-lucinha-uniypjco7k.html>.

contos, e sim, de compreender a leitura subjetiva dos alunos, observando a realidade estudada.

Há uma preocupação social, uma vez que os alunos do 6º ano do ensino fundamental são de uma escola pública municipal paraense que fica às margens da BR 155, localizada no acampamento Dalcídio Jurandir, em Eldorado dos Carajás. A maioria dos alunos reside no próprio acampamento e não tem condições financeiras abastadas e muitos vão para a escola descalços, e o pior: não acreditam em seu próprio potencial. São marginalizados pela sociedade, mas merecem o direito de ter uma condição social mais confortável no presente e no futuro. Para isso, o reconhecimento das dificuldades extra-classe e extra-escolar beneficiou o direcionamento deste projeto piloto/experimental de letramento literário, visando à formação e à consolidação de uma competência primordial para todos, a leitura do texto literário.

Notamos que a primeira competência, reconhecimento das características técnicas e origens dos contos, foi realizada pelos alunos com sucesso. 12 dos 13 alunos conseguiram obter todos os aspectos que envolvem a leitura informativa dos contos, de reconhecer e classificar dados, bem como de pesquisar a origem da autora dos contos. O grande destaque foi que todos conseguiram identificar que os contos pertencem à área da prosa e não da poesia. Dois conteúdos trabalhados em sala de aula no bimestre anterior à aplicação da cartilha serviram para que os alunos tivessem entendimento.

Vimos também que, a segunda competência, Reconhecimento das etapas dos contos e formação do senso crítico do leitor, apresentou também bons resultados, uma vez que os alunos, nos resumos, conseguiram, em sua maioria, sumarizar com as próprias palavras os acontecimentos dos contos. Além disso, na questão que pedia o trecho mais marcante, a escolha de cada um foi motivada pela experiência de vida e pelo fator identidade. O mesmo ocorreu com as considerações sobre a qualidade dos contos. O conceito de como o reconhecimento dos aspectos ligados à terra natal e o papel catártico da leitura, além do fato de o leitor sentir-se integrado a ela, também se fez notório.

Já a terceira competência, Estímulo da criatividade a partir da linguagem não verbal, estimulou o aspecto lúdico-visual da leitura, os alunos optaram ou tentaram reproduzir imagens dos próprios contos, criar suas próprias interpretações gráficas, o que não deixa de ser um exercício de criticidade, compreensão e criatividade.

As respostas vieram comprovar a necessidade de se desenvolver um plano direcionado para o letramento literário. Em síntese, os resultados alcançados nos fazem acatar a afirmação de Yunes (2003), para quem, ler:

[...] é desfazer a certeza dura e vacilar com a confiança de que se perdendo há mais a encontrar: a linguagem não se esgota no sentido atribuído historicamente, suspenso sobre seu uso cotidiano. Não é à toa o recurso da alegoria, à parábola, à poesia para driblar o endurecimento dos discursos. As palavras vivem entre os homens e a ninguém pertence com exclusividade (YUNES, 2003, p. 10).

Observa-se que as palavras de Yunes traduzem perfeitamente nossas expectativas, tendo em vista que concordamos com o fato de que cada leitura corresponde a um ato de atribuição de novos sentidos à leitura. Portanto, cada leitor é uma espécie de recriador da obra, dado que lhe impõe um novo sentido.

Portanto, eis a importância do uso consistente, desprendido e significativo do texto literário, pois essa é uma ferramenta para a formação de opiniões e conceitos; aspectos imprescindíveis na formação da identidade pessoal. Resende afirma que: “Quanto mais profundamente o receptor se apropriar do texto e a ele se entregar, mais rica será a experiência estética, isto é, quanto mais letrado literariamente o leitor, mais crítico, autônomo e humanizado será” (2010, p. 60)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve por proposta apresentar uma visão sobre como ocorre o processo de formação de leitores a partir do estudo dos contos Horizonte Silencioso e Marcel, de Maria Lúcia Medeiros em forma de cartilha digital ilustrada, podemos observar que este estudo pôde auxiliar o professor no trabalho com a leitura, em uma turma do 6º ano do ensino fundamental. Trabalhar com esse tema, também propiciou a oportunidade de discutir um assunto interessante e bastante atual dentro do contexto educacional: que é o estabelecimento de programas de ensino e o uso de objetos de aprendizagem que podem facilitar o trabalho de quem os utiliza.

Acreditamos que a grande chave de interpretação do conhecimento aqui apresentado é a possibilidade de unir conteúdos teóricos relevantes à tecnologia. Embora, muitos professores ainda relutem em tomar partido dela, é uma realidade que tem ocupado um espaço significativo dentro do contexto educacional.

Muitas escolas possuem tecnologias disponíveis, mas estas, ainda, não são utilizadas como deveriam, ficando, muitas vezes, trancadas em salas isoladas e longe do manuseio de alunos e professores. Não cabe a nós discutir, aqui, os vários motivos que levam professores e alunos a não terem contato com a tecnologia no mundo contemporâneo em que vivemos. Mas, tentamos apresentar alguns dos benefícios que o trabalho com uma cartilha digital pode proporcionar à educação, na esperança de que isso possa despertar o interesse de professores e alunos dos cursos de licenciaturas, sobre o trabalho com ferramentas digitais no processo de formação de leitores.

Portanto, esperamos que a cartilha digital "Contos de Lucinha" faça parte do trabalho docente com a leitura em sala de aula, não apenas com os alunos do 6º, mas com os alunos de todo ensino fundamental maior. Para que isso ocorra, o acesso à essa cartilha será feito por meio do link que será anexado a este trabalho, para que todos que queiram inserir a leitura de textos de autores paraenses no trabalho com a leitura em sala de aula, tenham acesso.

7. REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Ritos de passagens de nossa infância e adolescência: Antologia:. São Paulo: Summus, 1984.

A ESCRITURA VELOZ. Direção de Mariano Klautau Filho. Belém: Produção Independente, 1994. Fita de vídeo, VHS, son., color.

ALVES, Rubem. A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir. Campinas: Papirus, 2003.

ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Trad. Dora Flaksman. 2.ed.Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

BACHELARD, Gaston. A Poética do Devaneio. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BARTHES, Roland. Aula. São Paulo: Cultrix, 1989. _____. O prazer do texto. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010. 78p. _____. O grão da voz. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A Educação como cultura. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

BRANDÃO, Junito de Souza. Dicionário Mítico-Etimológico. Volume II. Petrópolis: Vozes, 1991.

- CAGLIARI, L.C. Alfabetização e lingüística. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2000.
- CAPELLINI, S. A.; OLIVEIRA, K. T. de. Problemas de aprendizagem relacionados às alterações de linguagem. In: CIASCA, S. M. Distúrbios de aprendizagem: proposta de avaliação interdisciplinar. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria, 2003, p. 113-139.
- CAPOVILLA, A. G. S.; CAPOVILLA, F. C. Problemas de leitura e escrita: como identificar, prevenir e remediar numa abordagem fônica. São Paulo, SP: Memnon-FAPESP, 2000.
- CIASCA, S. M. Distúrbios de aprendizagem: proposta de avaliação interdisciplinar. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria, 2003.
- COELHO, Betty. Contar histórias – Uma arte sem idade. 5ª Ed. São Paulo. Ática, 1997.
- CONDEMARÍN, M. Uni-duni-ter: exercícios de leitura e escrita. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- CONDEMARÍN, M.; GALDAMES, V.; MEDINA, A. Oficina de linguagem: módulos para desenvolver a linguagem oral e escrita. São Paulo: Moderna, 1997.
- CONDEMARÍN, M.; MILICIC, N. Cada dia um jogo. Campinas: Editorial Psy, 1996.
- FARES, Josebel Akel. Imagens da passagem refletidas no espelho. In: TUPIASSÚ, Amarílis. (Org.) A ficção de Maria Lúcia Medeiros: leituras. Belém: Secult/loae, 2002.
- FIGUEIREDO, Eurídice. Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1988.
- KRAMER, S.; LEITE, M. I. Infância: fios e desafios da pesquisa. Campinas: Papyrus, 1996.
- LAJOLO, Marisa. O que é Literatura? São Paulo: Brasiliense, 1995.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. A leitura rarefeita. Leitura e livro no Brasil. São Paulo: Ática, 2002.
- MACHADO, Regina. Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias. São Paulo: DCL, 2004.
- MEDEIROS, Maria Lúcia. Zeus ou a menina e os óculos. 1. ed. São Paulo: Roswitha Kempf, 1988.
- MEDEIROS, Maria Lúcia. Antologia de Contos. Belém: Editora Amazônia, 2009.

NUNES, Benedito. O tempo na narrativa. 2 ed. São Paulo: Ática, 1988.

PÉREZ, Renard. Perfil de Guimarães Rosa. In: RESENDE, Vânia Maria. O menino na literatura brasileira. São Paulo: Perspectiva, 1988.

RESENDE, Vânia Maria. **Literatura Infantil e Juvenil**. Vivências de Leitura e expressa criadora. Rio de Janeiro. Saraiva, 2010.

SANTOS, Ludimilla Oliveira dos. Na corda bamba: o espaço da criança na obra de Lygia Bojunga. 108 folhas. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) Universidade de Brasília, Brasília: 2006.

TUPIASSÚ, Amarílis. (Org.) A ficção de Maria Lúcia Medeiros: leituras. Belém: Secult/loe, 2002.

YUNES, Eliana; OSWALD, Maria Luiza (orgs.). A experiência da leitura. São Paulo: Loyola, 2003.

8. APÊNDICE

A ficha de leitura utilizada continha os seguintes dados:

Aluno (a):

Turma:

Data:

1. Título do conto:
2. Autor (a):
3. Editora:
4. Cidade e ano de publicação:
5. Os contos que você leu é de:
 - a) ___ Poesia ___ Prosa
 - b) Por quê?
6. Faça um resumo dos contos em 10 linhas.
7. Transcreva um trecho dos contos que mais chamou a sua atenção. Em seguida, faça um comentário para justificar a sua escolha.
8. Você considera os contos que você leu bom ou ruim? Explique.
9. Faça uma pequena pesquisa, em papel A4 branco, sobre a autora dos contos que você leu e anexe a esta ficha.
10. Refaça a capa dos contos que você leu na cartilha Contos de Lucinha usando sua criatividade, com base em sua leitura e anexe a esta ficha